



## **GT 75. Retomadas e re-existências indígenas e negras**

### **Coordenador(es):**

Cauê Fraga Machado (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sandro José da Silva (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

### **Sessão 1**

**Debatedor/a:** João Daniel Dorneles Ramos (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

### **Sessão 2**

**Debatedor/a:** Luiza Dias Flores (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

### **Sessão 3**

**Debatedor/a:** Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso)

A antropologia vem tradicionalmente tratando territorialidades negras, quilombolas e indígenas – especialmente do Nordeste – nas chaves analíticas da invenção da tradição, da etnogênese, da fricção interétnica, da reminiscência e da plasticidade identitária. Esses conceitos, além de estarem, na maioria das vezes, atrelados a relação desses coletivos com o Estado-nação, privilegiam apenas as relações políticas entre agentes humanos. Etnografias mais contemporâneas, vêm apresentando dados nos quais categorias nativas como as de retomada e resistência – não apenas como reagente, mas como re-existir – territorial e existencial, quando tomadas como conceitos descrevem diferentes vínculos entre actantes dos mais diversos modos de existência. Esses entes produzem reflexões cosmopolíticas e modos de agir com (ou contra) o Estado-nação de modos antes insuspeitos. Não pela via da memória ou da prova, mas pela cosmologia e relacionalidade estendida a todos existentes, recupera-se algo dado como perdido, inexistente. São “identidades” e territorialidades que sempre existiram, mas estavam aguardando momento propício para se realizar, retomando terras, práticas, contato com seres, objetos, linguagens sem que essas nunca tenham sido perdidas de fato. Nesse GT, privilegiaremos trabalhos etnográficos e reflexões teóricas acerca desse novo cenário no qual indígenas e coletivos negros reclamam sua existência.

### **Socialidade e cotidiano entre mulheres e outros seres na aldeia Boca da Mata.**

**Autoria:** Larissa Moreira Portugal (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

Os estudos etnológicos desempenhados entre os Pataxó no extremo sul da Bahia, desde os primeiros anos da década de 1970, ainda que tenham sido de grande contribuição na criação de políticas indigenistas junto a Funai ? com o reconhecimento e demarcação de TI's, assim como ações de reconhecimento da identidade étnica Pataxó, corroboraram para construir uma narrativa assimilacionista e de aculturação sobre seus interlocutores. Seu escopo teórico esteve marcado pela chamada tradição contatualista, a qual tanto construiu uma narrativa sobre as populações indígenas no Nordeste brasileiro enquanto resíduos de grupos étnicos prestes a desaparecer pela assimilação já identificada no processo socioeconômico de colonização, quanto corroborou com o esvaziamento da complexidade existente nas dinâmicas de transformação e interação ? com coletivos humanos e não humanos ? dos povos ameríndios na mesma região, fazendo com que questões relacionadas à representação/identidade/etnicidade/indianidade se tornassem temas hegemônicos na literatura do contexto etnográfico em questão. Dessa forma, é diante da averiguação dessa lacuna que este work se localiza. A partir de uma pesquisa de campo em andamento na Aldeia Boca da Mata, localizada em Porto Seguro/BA, viso esboçar algumas considerações sobre os Pataxó e seus regimes de alteridade, tendo como principais interlocutoras, as mulheres da aldeia. Proponho uma reflexão sobre a



economia de relações entre humanos e outros seres não humanos (plantas, espíritos, animais domésticos) com foco nas práticas sociais e assuntos cotidianos - analisando, dessa forma, o que sabem, dizem e fazem as mulheres nessa teia de relações interespecíficas e o que isso nos apresenta em termos de um regime Pataxó de alteridade. Argumento, primeiro, que o amplo campo no qual as mulheres operam, são incontornáveis na relação com a diferença e fundamentais na construção da sociabilidade, seja nos ritos de encabocamento das festas de santo, na articulação através da associação da aldeia ou na lógica de cuidado imbuída no curso da vida diária. Em segundo, argumento que humanos e não humanos não podem ser pensados separadamente, pois constituem mutuamente suas histórias e socialidades. A partir de um interface teórica e metodológica entre etnologia indígena e etnografia multiespécie, o intuito é aportar novos conhecimentos sobre os Pataxó em temas, aqui complementares, como relações de alteridade, gênero, territorialidade e política.

[Trabalho completo](#)



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: